



# VILA VERDE R DENSE

AVENÇA

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

VISADO CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 24)

PROPRIEDADE: Nossa Senhora do Alívio	DIRECTOR E EDITOR: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Padre Severino Pereira Fernandes Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga
---	--	---

## A EMIGRAÇÃO É UM MAL

Por A. S. S.

### CONCLUSÃO

Não quero, ao recordar os apodos que, aos nossos emigrantes, eram dados pelos brasileiros, criticar estes, pois sempre reconhecerei o espírito de generosidade, de hospitalidade, enfim a grandeza d'alma brasileira só comparável à grandeza da sua nação. Em verdade, naquela altura, num país em formação, tanto sob o ponto de vista social como económico e étnico, era compreensível uma certa aversão dos naturais a estranhos que, embora com todo o merecimento, se tornavam em detentores de boa parte da riqueza nacional e isso ocorria, especialmente, a respeito dos portugueses, donos das casas em que aqueles moravam, patrões das lojas ou oficinas em que se forneciam ou empregavam pois, obviamente sem razão, se sentiam despojados ou, melhor, suplantados pelos emigrantes que tinham visto chegar, nas precárias condições atrás descritas.

Foi naquela época, quando a emigração portuguesa atingiu o seu auge, que se produziu, no Brasil, uma campanha de nativismo que visava, sobretudo, o elemento lusitano, cujo «slogan» era «galego vai pra tua terra», chegando-se ao ponto de legislar no sentido de obrigar os estrangeiros que exerciam a indústria da pesca e que eram, na generalidade, portugueses da Póvoa de Varzim, a naturalizarem-se brasileiros sem o que não pode-

riam continuar a exercer tal actividade. Houve, felizmente, na ocasião, um cônsul, no Rio, português de velha ténpera que, usando de meios enérgicos, levou os trabalhadores do mar, a quem a economia brasileira tanto devia, a rumarem para Angola, não renegando, assim, a sua nacionalidade.

Ainda me lembro de que, um desses homens, ao ser-lhe perguntado se ressentia aquele agravo, respondeu:

(Continua na 4.ª página)

## Instalações Sanitárias no Campo da Feira

Abriram-se as novas e lindas instalações sanitárias, mas com espanto de toda a gente, ou porque aos domingos estão fechadas, ou não sabemos porquê, as excursões que nos visitam e mesmo os vilaverdenses de cá do Concelho continuam, escancaradamente, a servir-se das fachadas dos prédios, sem qualquer recato.

Sempre dissemos que a localização escolhida para as instalações sanitárias ia dar este resultado.

## Sempre vai ser construído imediatamente o novo Hospital de Vila Verde

O senhor P.º Aloísio Avelino de Sousa, vilaverdense e baírrista dedicado pelo progresso do seu Concelho, deu-nos telefonicamente a grata notícia de que, na visita que o senhor Ministro das Obras Públicas fez a Braga no dia 23 de Junho, o senhor Engenheiro Maças Fernandes garantiu que, dentro de dias, ia ser posta a concurso a construção do novo Hospital de Vila Verde, para começar imediatamente.

«O Vilaverdense» sente a alegria do Concelho de Vila Verde por tão faustosa notícia, que vem dar satisfação à maior aspiração deste povo que tanto se sacrificou pelo seu novo Hospital e que nunca desconfiou da sinceridade dos promettimentos dos homens do Estado Novo.

A campanha que fizemos, neste jornal, e que tanto calou e influenciou esta imediata construção junto das entidades oficiais, não foi bradar no deserto.

Ficaram gorados aqueles que julgam que as entidades oficiais

não recebem com agrado as campanhas justas feitas nos jornais regionais.

A nossa tinha de ser bem aceite, porque traduzia fielmente o sentir do povo nacionalista deste Concelho de quarenta mil habitantes.

## Em Vila Verde, Sede do Concelho, há tradição artística

### A Banda de Vila Verde

Desde há muitos anos que a Sede do Concelho de Vila Verde se tem salientado pelas suas iniciativas artísticas, especialmente na arte musical.

### A Música

Diz-nos sobre a Música o notável regente da Banda Musical de Vila Verde, senhor Maestro, alferes Manuel Ferreira Pais, que elevou esta Banda, mais uma vez, a um excepcional nível artístico.

A Música tem um poder de sedução que, não conseguimos encontrar em qualquer das outras artes.

Como elemento cultural, é indiscutível a sua acção civilizadora e, como prazer espiritual, manifesta-se com tais encantos, que não conheço nada na vida tão belo e deslumbrante.

## FESTA DO CORPO DE DEUS, EM VILA VERDE

A Festa litúrgica do Corpo de Deus foi comemorada, em Vila Verde, por iniciativa da Confraria do SS.º Sacramento. Houve Missa Solenemente cantada pela Coral Feminina, às 10,30 horas; de tarde, teve lugar a adoração e procissão eucarística, que percorreu os arruados do Campo da Feira, na qual tomaram parte todas as associações paroquiais, confrarias, homens da Liga Eucarística e muito povo.



O Cardeal Costa Nunes trocando impressões com o Sr. Ministro do Ultramar, Prof. Dr. Adriano Moreira

## Para uma visão Cristã do Trabalho

Por ANTÓNIO DE SÁ

II

Sabemos que, se por um lado a doutrina cristã sobre o trabalho achou em certos meios dos primeiros séculos cristãos, terreno produtivo, não é todavia menos certo que noutros continuava de ser visto como coisa humilhante que convinha evitar. Qual não foi a atitude de S. Paulo, dirigindo-se aos cristãos de Tessalónica! Mostrou-se severo o Apóstolo quanto

à teimosia daqueles que não trabalhavam!... E então propôs a regra que originada quer de palavras do Mestre quer de máxima popular, constitui a regra de ouro do trabalho cristão: «se alguém não quiser trabalhar que também não coma...» (2 Tess. 3,10).

Sem deixar de considerar a realidade do trabalho quanto à sua dureza, o Cristianismo reformou a concepção dos antigos, ensinando, por sua vez, que o trabalho é natural ao homem e que a pena nele existente deve ser orientada para um fim sobrenatural.

Porém épocas de crise surgiram umas após outras e a Igreja viu-se na necessidade de aprofundar e expor por vezes várias a doutrina cristã do trabalho, para que este não recaísse no conceito antigo, puramente materialista. Foi assim que se foi desenvolvendo uma teologia do trabalho, de grande importância em nossos dias.

Deus não amaldiçoou o trabalho, mas o solo e por isso a condição do homem como ser obrigado ao trabalho não mudou. Apenas a vida se tornou mais dura por ser necessário

(Continua na quarta página)

Traduz, como nenhuma, todos os sentimentos humanos que possamos imaginar.

Na descrição da dor profunda, choca-nos até às lágrimas.

(Continua na 2.ª página)

## II Semana de Estudos Pastorais

Os temas são muito sugestivos:

Características da vocação sacerdotal autêntica; Programa do Secretariado Nacional do Ensino Cristão; Actividade dum Secretariado Arquidiocesano modelar; Possibilidades apostólicas e sociais dum paróquia rural; Possibilidades apostólicas dum paróquia citadina; Organização económica dum paróquia do Minho; A paróquia e as diversões, etc.

A cada tema destes seguir-se-á ainda uma óptima variedade de comunicações que abrangerão todos os problemas pastorais.

Durante os dias do curso organizar-se-á uma exposição de livros e outra de objectos para o ensino religioso; e, nas três primeiras noites serão passados filmes apropriados.

Faz a tua inscrição para: Secretaria da II Semana de Estudos Pastorais, Seminário Conciliar de Filosofia, Campo de Santiago — Braga.

## Na Emissora Nacional

Foi lido na Revista da Imprensa do Norte parte do artigo do nosso ilustre colaborador António de Sá: «Para uma visão Cristã do Trabalho», publicado no número anterior deste quinzenário.

Ao ilustre amigo, as nossas felicitações.

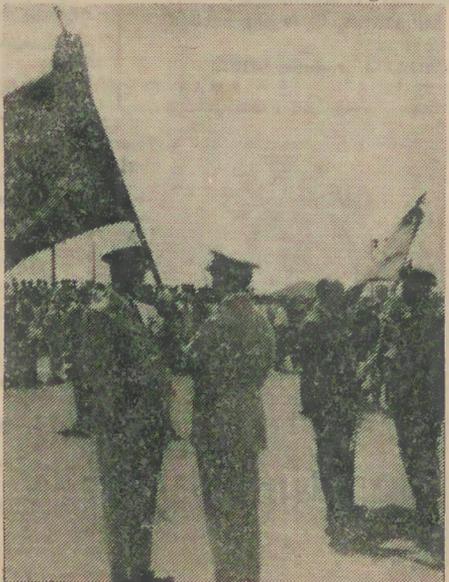
## SOLDADOS DE PORTUGAL

Têm sabido lutar com a maior valentia pelo prestígio da terra que os viu nascer, pelos seus direitos e pela sua integridade.

os valorosos soldados portugueses que se encontram em Angola desempenhando honrosa missão de soberania.

O seu espírito de sacrifício, a sua coragem, a sua firmeza heróica, mostram bem que a palavra Raça não é vazia de sentido e que Portugal está sempre presente quando é preciso honrar os pergaminhos de que tanto se orgulha.

A gravura mostra-nos os srs. Secretário de Estado da Aeronáutica e o Governador Geral de Angola, general Venâncio Deslandes fazendo entrega, numa cerimónia impressionante, dos estandartes do Batalhão de Caçadores Para-quedistas 21, e da Base Aérea de Luanda.



# Notas de Lisboa

## Digressão consoladora

Fiz há pouco uma viagem ao Algarve, que me levou a pensar muito no Minho. Apesar de conhecer o Algarve de ponta a ponta é sempre com prazer que o visito. Desta vez passei por lá alguns dias, percorri todo o litoral e grande parte da zona serrana e nessa agradável digressão colhi impressões consoladoras ao verificar os progressos registados no domínio da agricultura, que se devem à acção do Governo e à iniciativa privada. Eu cá não percebo nada de agricultura — como, aliás, não percebo nada... de nada; mas viajou comigo uma pessoa que sem dúvida nenhuma está entre as que, em Portugal, mais sabem de agricultura, quer sob o ponto de vista técnico, quer sob o ponto de vista económico.

Por isso me foi fácil avaliar, em todo o significado, o desenvolvimento que, em tal aspecto, se operou nos últimos anos. Pelo menos na região de litoral não há um palmo de terra que não esteja cuidadosamente aproveitado.

É certo que o Algarve é uma província privilegiada: a figueira, a amendoeira, a laranjeira, a alfarrobeira e até a palma, desenvolvem-se admiravelmente sob um sol quente e branco a lembrar já as proximidades do norte de África; mas não é menos certo que os cuidados do agricultor e o sistema de regas contribuem de forma não menos decisiva para o rendimento das culturas.

Mas, afinal, que vi eu? — Vi que antigas plantações foram substituídas por outras devidamente alinhadas e feitas com rigorosa observância das modernas técnicas. Do castelo de Silves, que sempre procuro visitar quando vou ao Algarve, observei, melhor do que qualquer outro ponto, o que atrás refiro.

— Como se sabe, no tempo da dominação árabe, o Algarve de hoje era um distrito chamado *Chenchir* ou *Al-Faqhar*: as duas cidades principais eram *Huyrum* (Faro) e *Chelb* (Silves) que na altura em que foi tomada pela primeira vez (por D. Chanchó I) tinha cerca de 30.000 habitantes e se destacava entre as demais da Espanha árabe. Quem principalmente a habitava eram os árabes do Iémene, isto é: os árabes propriamente ditos.

Já que entrei em divagações não me parece fora de propósito lembrar que a invasão da Península não foi feita apenas pelos árabes: vieram também outros povos que eles já haviam dominado, sobretudo os egípcios e os berberes. A esse conjunto de

raças invasoras, dá-se o nome genérico de *mouros*. No entanto há que distinguir. Para Topinard, os *mouros* são o produto do cruzamento dos berberes com outros elementos étnicos em que prepondera o árabe. Mas parece que a realidade não é ainda bem essa: os *mouros* são antes os próprios berberes, e estes aborígenes do extremo Ocidente do norte de África, ou seja, de Marrocos e da Mauritânia. O árabe, dominador e mais instruído fixou-se nas cidades e sobretudo em território pertencente à Espanha de hoje; o *mouro*, revelou-se bom agricultor e expandiu-se de preferência em território actualmente português. Os chamados «Saloiões» que habitam a região de Lisboa até cerca de Torres Vedras, devem ter uma longínqua ascendência moura, que se não pode confundir com a dos opulentos senhores árabes que iam gozar seus ócios na florescente e velha *Chelb* (Silves). Esta distribuição na Península dos invasores sarracenos tem aliás uma explicação que a falta de espaço não permite referir. O certo é que desde há longos séculos que o Algarve é cuidadosamente cultivado. Do imponente Castelo de Silves abrange-se uma paisagem arrebatadora: e foi de lá que melhor apreciei o progresso das explorações agrícolas, feitas de harmonia com as novas técnicas e altamente beneficiadas por uma irrigação perfeita.

Esse amigo que me acompanhou tem uma quinta primorosamente cultivada, perto do convento do Varatojo, a um quilómetro de Torres Vedras.

Embora esta zona seja inteiramente diferente do Algarve, não o é nos cuidados postos no amanho da terra. Como se sabe, Torres Vedras fica na região do Oeste, onde predominam as culturas do vinho e da fruta e, em menor grau, a do trigo. Também por lá têm sido arrancadas as velhas cepas e plantadas outras em conjugação com árvores frutíferas. O trabalhador rural, por seu lado não perdeu a velha tendência do remoto mouro para o industrioso amanho do solo.

Em face deste panorama consolador, é que eu meditei nas possibilidades agrícolas do Minho, ao qual está aberto um largo futuro.

— Mas só agora reparo que sendo estas «Notas» de Lisboa, ainda a Lisboa me não referi. Escrevo no dia de Santo António e apesar da época triste que o atentado indiano gerou, decorreram com muito interesse várias iniciativas camarárias e despertaram a curiosidade de milhares de pessoas os já tradicionais casamentos patrocinados pelo «Diário Popular», a que toda a Imprensa aludiu.

Para terminar não resisto a mais um apontamento sobre um facto para mim inédito: um enterro a que assisti no Algarve. Quando ia para Vila Real de Santo António deparei com uma multidão junto do desvio da estrada que segue para Castro Marim. Perguntei o que era.

— «É um corpo que vai abalando» — responderam-me!

O corpo era o defunto que «abalava» para o cemitério de Castro Marim. Puseram o caixão num carro funerário; e atrás dele seguiu toda aquela gente... em carroças típicas algarvias, em bicicletas vulgares, em bicicletas motorizadas e principalmente em Burros — já que a utilização do burro no Algarve e na zona «salôia» ao norte de Lisboa, está ainda, nesta era do motor, largamente generalizada.

Se em vez de um enterro fosse, por exemplo, um casamento, poderíamos conversar um pouco sobre o espectáculo invulgar. Como porém se tratava de um acontecimento doloroso, o que devemos é apenas pedir a Deus pele descanso eterno do falecido.

M. da C.

## « O Vilaverdense »

Encontra-se à venda  
 Em Prado: Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção.  
 Em Vila Verde: Na Livraria Rainha.  
 Em Braga: Na Tabacaria do Café Sporting.

(Continua na quarta página)

# Carta do Brasil

Santos, 10 de Abril de 1962.

Eu António da Costa Gonçalves, e minha esposa Maria da Luz Barja Gonçalves, pediz-lhes o favor de me publicar no jornal «Vilaverdense», (de quem sou assinante e aprecio) o nascimento do nosso querido filho que nasceu no dia 7 na Santa Casa de Misericórdia desta cidade, onde levará o nome de António Gonçalves Barja, dentro em muito breve será baptizado, servirão de Padrinhos, os que foram padrinhos do nosso casamento; tem ele o menino de familiares aí na freguesia de Carreiras, S. Miguel, a Avó Maria da Costa, a tia Ermelinda da Costa Gonçalves e aqui em Santos o Avô Domingos Gonçalves e tio José Gonçalves.

E por hoje vou terminar com o envio de saudades para todos.

N. R. — Pedimos muita desculpa a este nosso ilustre assinante por não termos publicado a sua carta há mais tempo. Mas mais vale tarde que nunca.

O nosso jornal está sempre ao dispor dos nossos assinantes.



C. J. Chambers

Torre de Penegate

S. Miguel de Carreiras

Compro selos usados em quantidade ou envelopes c/ os selos colados.

Sómente interessam selos vulgares, nacionais ultramarinos e estrangeiros. Selos caros não compro.

<p><b>Sala de Chá</b></p> <p>— X —</p> <p>Todas as qualidades de doce</p> <p>Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies</p>	<p><b>DUÇARIA LUSITANA</b></p> <p>Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 23300</p> <p>e Jardim de S.ta Bárbara</p> <p><b>BRAGA</b></p>
--	---

Fábrica de Bordados Regionais DE **Maria Helena Dantas**

Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.  
 Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.  
 Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

**A COMERCIAL DE PRADO** — DE —

**Fernando Duarte Pedroso**

Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»  
 Azelles, Merceria, Vinhos, Refrigirantes, Ferragens, adubos e Metais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL

Vila Verde TELEFONE, 92115 PRADO

<p><b>Casa Claro</b></p> <p>— DE —</p> <p><b>Paulo de Sousa Claro</b></p> <p>Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura</p> <p>Rua D. Diogo de Sousa, 100          TELEFONE, 22305 BRAGA</p>	<p>O melhor café e o</p> <p><b>A Brasileira</b></p> <p>— DE —</p> <p><b>Mário Joaquim de Queltrós &amp; C.ª</b></p> <p>TELEFONE, 22013 BRAGA</p>
---	--

# DESPORTO ABANDALHADO

Há dias, uns burlistas com o nome de União Futebol Club de Real — Braga — resolveram organizar um torneio relâmpago em Prado, no Campo «Sousa Lima», em disputa de uma taça, para o qual convidaram por escrito as equipas de Futebol de Ruães, Grupo Desportivo da Congregação de Nossa Senhora do Alívio, e um tal clube Dumense que, com este nome, recrutara homens dos Clubes de Futebol «Os Leões» de Braga, Juniores do Sporting de Braga segundo fontes bem informadas, bem como alguns elementos do «Limianos F. Clube».

Feitos os cálculos da «Competentíssima» organizadora, deveriam defrontar-se na primeira eliminatória as equipas da Congregação e o tal «Dumense», convencidos de que esta eliminatória a primeira, para em seguida o pouco «Real» eliminar o Ruarense, assim o preto lançara as contas.

Principiado o prélio entre Congregados e os tais Dumenses, estes meninos bonitos, sabendo que a sua adversária era constituída por rapazes membros de uma Congregação Mariana, cujas regras da sua Secção de Desporto proibem o ingresso na sua equipa de atletas alheios à Associação, pois que a sua finalidade consiste apenas em proporcionar aos seus associados um mínimo de diversão, desde início se julgaram favoritos, dada a selecção feita entre equipas dependentes da A. F. B., que se permitiram, clandestinamente, emparceirar num clube sem nome, e o que é mais de lamentar, acompanhados de uma assistência de «Terroristas» munidos de «catanas», vindos das tais terras de Dume! Que tristeza! (Não fique por dizer que a equipe de arbitragem fora da competência da Tal organizadora.)

O jogo decorrerá sem entraves, salvo o palavirão dessas línguas sem moral nem higiene dos bárbaros invasores, enquanto o tal grupo de «terroristas» vencia os briosos rapazes da Congregação (por pouco tempo), pois que estes bem organizados, lançados de corpo e alma ao ataque, acabaram por se impor, dominar e vencer! Como a coisa lhes não servia, pois que contavam com a taça, o campo fora invadido por «grosseira» avalanche da famigerada assistência da tal boa terra, que, de facas em punho, principiaram por agredir os pacatos rapazes da Congregação, apenas porque estes haviam triunfado, desrespeitando os membros da Companhia de Jesus, Dirigentes da equipa da casa, que, com as suas batinas pretas procuravam metê-los na ordem, acabando por serem desfeiteados e insultados pela tal canalha, com as mais repugnantes grosserias! Neste indecoroso cortejo de línguas podres que bem revelam a baixexa moral da terra, não faltaram até as «Marias da Fonte», acompanhantes indignas da tal equipa sem nome nem moralidade!

O pobre do árbitro, por eles escolhido para dirigir o encontro, acabou por ser espancado valendo-lhe e aos seus dois filhinhos, os Jesuítas e os rapazes da Congregação, sob uma chuva de pedras, fazendo das «tripas coração» para evitarem a desordem, que lhe serviram de guarda-costas.

Mas o caso fóra mais longe: a heróica equipa Congregada, detentora moral da taça, aguardava a final com o vencedor da segunda fase, Ruães-Real. Aconteceu porém o que há de mais degradante no Desporto: O segundo encontro encaminhava-se para o fim com a equipa da célebre «Verga quente» a ganhar por 2-1, um Clube que tudo conhece menos de Futebol e de moralidade! Contudo, pelo desenrolar dos factos «com o ovo no sítio da galinha», reúne os seus altos comandos de Organizadora, para decidir a entrega da taça ao vencedor do último encontro, pois que, segunda a lógica, temendo a briosa azul-branca, levariam para o lado de lá a ambicionada taça. Saíram-lhes porém os cálculos errados, pois que a simpática equipa de Ruães, vendo a injustiça cometida para com a sua amiga e colega no desporto, ainda tivera tempo para os presentear com mais cinco escaldantes batatas, e assim lhes arrebataram o sonho doirado!

E assim terminara esta triste tarde desportiva que teve a infeliz sorte de uma incompetente e ridícula organização, um tal fracasso qua era caso para se lhe aplicar mais uma vez a célebre «Quem te manda a ti, sapateiro, tocar rabeção?»

Daquém Cávado, estendemos a mão à correcta e mui nobre equipa de Ruães e à sua Digníssima Direcção felicitando-a pela sua vitória, bem como pelo aprumo e correção com que actuara, num estreitar dos laços de amizade que de há já anos nos vem unindo irmã e desportivamente.

## Aos Assinantes no Brasil

Temos no Rio de Janeiro um correspondente sempre pronto a atender os nossos assinantes.

Se quiser pagar a sua assinatura, se quiser ser assinante ou fazer as suas queixas por falta de recepção, pode escrever, telefonar ou ir ter com

J. M. Vilela de Sousa

Casa «A Confiança»

R. Dias Ferreira, 259  
 Telef. 27-0482

Leblon — Rio de Janeiro

## EM BRAGA na CASA DAS MALHAS

GRANDES SALDOS DE MALHAS  
POR PREÇOS BARATÍSSIMOS

Nosso reclamo: Meias Nylon s/ costura a 9\$90!!!  
Já recebemos as últimas novidades para Verão

## O Concílio Ecuménico Vaticano II E O PENSAMENTO MODERNO

III

Não faltaram alvissareiros curiosos e impensados, mal o Santo Padre anunciou a realização do Concílio Ecuménico Vaticano II, a indicar temas que seriam debatidos.

A falta de respeito pelas coisas sérias, a ausência de disciplina moral, e, até, a confusão que se faz de um Concílio com qualquer Parlamento, como se naquele houvesse democracia parlamentar, levarem esses alvissareiros a espalhar ideias erradas é confusas.

Não faltaram, até, jornais com prognósticos e revistas ilustradas com notícias sensacionais.

Como explicar tudo isto?

Pela ignorância duns, o desejo de sensacionalismo de outros, e, porque não?, a maldade de alguns em quererem denegrir a face da Igreja.

Sua Eminência o Cardeal Frings, arcebispo de Colónia, com autoridade indiscutível abordou o problema do Concílio em face do pensamento moderno.

Meditemos as suas palavras.

O Cardeal Frings fez notar como o Concílio responde a uma particular exigência espiritual do nosso tempo, após as profundas mudanças que se deram no mundo religioso depois do primeiro Concílio Vaticano em 1870.

Quatro são os factores que caracterizam a sociedade moderna: a unidade dos povos e dos continentes feita através dos meios sempre mais rápidos de comunicação; a experiência e a conquista técnica que transformaram métodos seculares de vida; a confiança na ciência; e, finalmente, as ideologias que se impõem sempre com mais força.

### De Cervães

Esta freguesia esteve em festa no dia 10 deste mês, devido à festa de Nossa Senhora do Rosário que teve como orador durante a missa cantada o Rev.º Dr. Bacelar de Oliveira nosso ilustre conterrâneo e grande amigo desta freguesia em cujos melhoramentos tem colaborado muito. A ele se deve a grande valorização da estrada que liga Cervães ao Concelho de Ponte de Lima através de Igreja Nova, Concelho de Ponte de Barcelos.

Também abrilhantou muito esta festa a afamada Banda de música de Cervães na qual exibiu o seu lindo e vasto repertório e cujas lições são dadas pelo seu professor Manuel Baltazar Gonçalves.

**Carreira Braga-Cervães-Viana** — Quando é que teremos esta carreira? Que nos responde a Viação Auto-Motora? Ou teremos de apelar para o srs. José Alves ou Linhares, de Barcelos que já tem uma carreira entre S. Julião de Freixo e Barcelos? — C.

Analisando cada um destes factores, o Cardeal de Colónia demonstrou como a Igreja "não pertencendo a nenhum povo, pode realizar mais eficazmente a sua missão de paz e fundir todos os povos numa unidade superior... não: mas é ainda a Igreja que pode dar ao homem moderno uma resposta às suas interrogativas, que a técnica, a ciência e as ideologias deixam insolúveis e que visam os problemas mais profundos do espírito, as necessidades da alma, a aspiração à verdade, à justiça, ao amor, à paz.

"O próximo Concílio — concluiu o Cardeal Frings — que dará novo vigor e nova frescura a tanta estrutura externa da Igreja, será um factor de missão mais íntima entre os homens, porque baseada no plano espiritual; e será ainda uma prova de vitalidade do mundo católico frente a quantos vivem fora da Igreja..

## Os Vicentinos de Prado em Campo

No dia 21 do mês passado a conferência Vicentina, no todo dos seus bons elementos, foi até ao Carrão, isto é, à quinta do Vicentino Patrício Gomes que dispõe de um local paradisíaco, entre carvalheiras frondosas, em Freiriz.



Os Vicentinos reuniram-se no Carrão (Freiriz) para cultivar a fraternidade e viver a alegria de uma família unida

De manhã cedo, após uma missa pelos Benfeitores, Confrades e Pobres, de pau na mão e rádio de pilhas lá foram eles todos prazenteiros «acampar» um dia inteiro.

Pouco tempo depois, chegou o Presidente de Honra e alguns da velha guarda que não se deram à folia de ir a pé, pois o cancelo fraqueja nas longas distâncias.

O dia foi bem passado. Descanso, jogo, técnica, boa disposição, água fresca de uma fonte que jorra perto, umas escassas visitas, ar de festa e expectativa de nova tarde no próximo ano.

E' sempre assim. Sair do bulício da faina diária e esquecer tudo para viver de perto a camaradagem de bons colegas, é o melhor que podemos as-

# CORRESPONDÊNCIAS

## Pico de Regalados A' Margem do Homem

São Paio

Realizou-se, nesta freguesia, com todo o brilho, o lausperene anual. O nosso brioso pároco empregou todos os esforços para que esta devoção eucarística chamasse as almas para junto de Jesus presente na Hóstia Santa e os seus esforços foram coroados de pleno êxito.

Vários sacerdotes desta região atenderam as confissões dos filhos de S. Paio que mais uma vez manifestaram o amor a Jesus Sacramentado. Durante toda a noite via-se pelos caminhos da nossa terra grande número de pessoas que se dirigiam para a igreja paroquial. Durante o dia as Senhoras também marcaram bem o seu amor ao Senhor.

Terminaram todas estas devoções no dia 20 de Junho com a Santa Missa, procissão e outros actos eucarísticos a que assistiu muita gente.

Não queremos terminar, sem apresentar os nossos parabéns ao pároco, aos briosos zeladores e zeladoras dos altares que costumam transformá-los em agradável jardim confeitado com perfumadas flores e a todos os filhos desta terra que escreveram mais uma página doirada da sua história mais que secular.

Vilarinho

Tivemos a felicidade de cumprimentar na cidade de Lisboa.

o Snr. Adelino da Mota, brioso chefe de cozinha numa das melhores pensões da Capital e estimado assinante de «O Vilaverdense».

Fazemos votos pelas suas felicidades, bem como de sua estimada esposa, Sr.ª D. Deolinda Araújo da Silva de seu interessante filhinho, José Mota, que dá esperanças de ser um digno continuador das tradições de seus briosos pais.

Sande

No lugar de Passos desta freguesia faleceu Maria Joaquina da Mota, que se encontrava doente há dois anos. Recebeu todos os Sacramentos próprios da hora da morte.

Paz à sua alma e pêsames à família.

Coucieiro

Vitimado por uma doença que não perdoa, faleceu nesta freguesia Porfirio Mota, presidente da Junta e pessoa que toda a gente estimava. Realizou-se o funeral na igreja paroquial com a assistência de 12 sacerdotes e muitas pessoas de diversas condições sociais, entre as quais nos lembra ter visto o Sr. Dr. Bernardo de Brito Ferreira, ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde e o Sr. Capitão Abel Nogueira que também faz parte da Direcção da mesma Misericórdia. Vimos também várias pessoas da família Nogueira porque a falecida esposa do Sr. Porfirio Mota, era na mencionada família.

Paz à alma do falecido e pêsames a toda a família do mesmo.

Gomide

Esta freguesia, que noutros tempos tinha sido esquecida, tem progredido admiravelmente, pois já tem uma estrada até à igreja paroquial, principal centro da terra. Soubemos que há dias já esteve um automóvel no largo junto da igreja.

Apresentamos as nossas felicitações ao povo de Gomide, não esquecendo o Sr. Mário Menezes, ilustre filho da terra, que tanto tem lutado pelo progresso da mesma; o Sr. João Baptista Soares Nogueira, que viu a sua bela propriedade atravessada dum lado a outro pela estrada e que ofereceu de boa vontade todo o terreno necessário para a mesma; o Sr. Francisco Gouveia que deixou destruir uma ramada e todos os proprietários que permitiram a realização deste sonho idealizado há vários anos pelo Sr. Mário Menezes.

Já há também generosas ofertas para a vinda da electricidade para esta terra e espera-se que será brevemente uma realidade.

A Câmara Municipal está animada a participar esta grande obra.

Logo que seja instalada a estação automática na Portela do Vade também teremos o telefone que já nos foi prometido pelas autoridades competentes.—C.

Freiriz

Ultimamente receberam o SS. Sacramento do baptismo as seguintes crianças:

Com o nome de Maria de Lurdes, uma filha de José Correia Oliveira e de Palmira Marques da Silva; e com o nome de Alzira da Conceição, uma filha de Manuel Domingues Fernandes e de Júlia da Purificação Martins Lopes.

— No dia 5 de Junho último, faleceu no lugar das Cerdeiras, onde residia com seu genro e filha, Adelaide Correia, Rosa da Rocha, com 74 anos de idade, natural de Moure, mas aqui residente há muitos anos.—C.

Oriz (S. Miguel)

— Devido a queda sofrida, encontra-se retida no leito a Sr.ª Delfina Veloso, do lugar da Igreja, a quem desejamos melhoras.

— Chegou a esta sua terra natal, para descanso de alguns dias em casa de seu irmão, em Gatões, a Sr.ª Inácia Teixeira Veloso, que depois voltará às suas ocupações em Itália.

— Depois da intervenção cirúrgica a que se sujeitou em Lisboa, e que decorreu bem encontra-se entre nós o Sr. Bernardino Teixeira, a quem auguramos completo restabelecimento.—C.

S.ta Marinha de Oriz

— Encontra-se doente, retida no leito, a Sr.ª Joaquina de Jesus Fernandes, do lugar de Vargês.

— Também, no lugar dos Barrais, está doente a Sr.ª Maria Rodrigues.

A todos desejamos melhoras! — C.

Cabanelas

Obras na Igreja — Recomeçaram as obras na Igreja Paroquial, interrompidas há bastante tempo. E' com enorme satisfação que vemos recomeçar as referidas obras e, estamos certos, que um futuro próximo, a nossa igreja estará tão bonita como as melhores.

A verdade é só uma — No último número deste jornal referimo-nos aos boatos que os comunistas lançaram sobre impostos de motorizadas, automóveis, corte de videiras etc. mas, mais uma vez esses senhores foram desmascarados, quando a Emissora Nacional radiofundia para todo o país o programa, a Verdade é só uma, Rádio Moscovo não fala verdade. Confiantes no Governo da Nação só temos a dizer isto: Portugueses! Alerta.

Desporto — Depois duma série de desafios, o S. C. Cabanelas continua em descanso. Aos dinâmicos dirigentes do Club apelamos para que se façam treinos, pois sem treinos não poderá haver jogadores bons e quem sabe se haverá em Cabanelas um Garrincha ou um Pelé? — C.

## Parada de Gatim

Festa do Senhor — Conforme marcam os estatutos, realizou-se nesta freguesia a festa do SS. Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário. O programa foi o seguinte: No dia 23 de Junho, confesso e ofício pelos irmãos falecidos e à noite uma pequena remessa de fogo de artifício, no dia 24 de manhã, missa solene, acolitada pelos Rev. dos de S. Miguel de Carreiras e Freiriz. À tarde sermão pelo grande orador P.º Costa Araújo e procissão, onde se incorporaram todas as associações religiosas desta freguesia.

— Na igreja paroquial desta freguesia, realizou-se o enlace matrimonial do jovem Augusto de Araújo Gonçalves Muça, carteiro do C. T. T. do Porto, com a menina Felicidade da Cunha Lopes, membro do Grupo Coral desta freguesia.

Assistiu ao acto o Rev.º Luiz Azevedo da C. e Silva.

Depois dum opípero banquete oferecido pela noiva a grande número de convidados, deslocaram-se numa caravana de automóveis a Nossa do Sameiro e dali para o Porto, onde foram fixar residência.

Aos noivos desejamos os maiores felicidades.

— Inscreveu-se como assinante de «O Vilaverdense», o Sr. Manuel da Silva Dantas. Os nossos parabéns e que por seu intermédio venham mais. — C.

## Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades  
Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens  
Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes  
a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

Continente	30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima)	60\$00
" (via aérea)	145\$00
Outras nações (via marítima)	70\$00
" (via aérea)	165\$00

## A emigração é um mal

(Continuação da 1.ª página)

Como podemos guardar ódio a uma terra que os nossos maiores trouxeram para a luz da civilização, que desbravaram, que tantos deles regaram com o seu suor e o seu sangue e nela deixaram as suas ossadas, cujas cidades fundamos, tantas com nomes bem portugueses, que povoamos e defendemos arduamente, combatendo ambiciosos que as cobravam, uma terra cujo povo fala a nossa língua, pratica a fé que lhe ensinamos e usa os nossos costumes?

Quis mostrar até aqui, em resumo, como se tem operado a nossa emigração para o Brasil; vejamos, agora, os seus resultados reais.

Os portugueses que nunca saíram do seu torrão natal, e queremos referir-nos, mórmente, aos que vivem com menos posses, imaginam que, fora do seu país, tudo são facilidades e triunfos. Eu estou aqui para lhes afirmar, e com conhecimento de causa, que nunca vi cenas de miséria como as que presenciei durante a minha permanência de vinte anos no Rio de Janeiro, miséria tanto mais chocante porque se apresentava em contraste com a opulência, o fausto, o esplendor que também essa grandiosa cidade oferece. Recordo-me de tudo aquilo a que assisti no período da primeira grande guerra, quando muitos morriam de fome naquela Capital, quando milhares de pessoas, sem ocupação, dormiam ao relento nos passeios das ruas ou nos gramados das praças e jardins. Ainda conservo na memória o confrangedor espectáculo de grandes grupos de infelizes que, à noite, com uma lata velha na mão, vinham suplicar em frente da casa em trabalhava, talvez a única refeição do dia, e tenho, nesta altura de explicar que me ocupava na direcção de um restaurante de grande movimento mas muito reduzido, então, porque muitos dos seus frequentadores não tinham onde ganhar a vida e a comida que se fazia era mais para dar do que para vender. Poder-se-á dizer que tudo

## Limpeza da Vila, sua higiene e a nossa Câmara

No último número do jornal «O Vilaverdense», publicamos uma nota, chamando a atenção do senhor Presidente da Câmara para a maneira como era feita a limpeza da Vila, levantando uma enorme nuvem de pó.

Fizemo-lo, como em quase todas as notas que publicamos deste teor, a pedido do público.

Nunca tivemos intenção de ferir ou deprimir, mas sim de colaborar, tanto quanto possível, na resolução dos problemas locais.

O senhor presidente da Câmara, atenciosamente, mandou comprar uma mangueira apropriada e deu ordens para que a limpeza da Vila seja feita com a rega indispensável.

E' assim, dentro deste espírito de mútuo entendimento e tomando o jornal não como um acinte à Autoridade, quando apresenta as justas reclamações do público, que se consegue uma colaboração propícia à confiança dos munícipes nas suas Autoridades.

Também o senhor Presidente tomou as devidas providências para que desapareçam as águas de nitreias que eram despejadas para a estrada de Vila Verde às Neves, junto da subdelegação de Saúde.

O assunto está quase resolvido. Só temos de louvar este interesse para que Vila Verde comece a progredir. Oxalá que continue assim em todos os problemas locais desta Sede do Concelho e encontrar nos vilaverdenses e no nosso jornal os melhores colaboradores.

isto se passou numa situação excepcional mas ai! a quantos quadros de grandes necessidades eu assisti! Não errarei se disser que, de cem portugueses que, naquele tempo iam para lá talvez nem dez voltariam, com meios, a fixar-se definitivamente na sua pátria de origem. Se uma certa percentagem conseguia vencer, lá constituía família, por lá ficava e também, do mesmo modo, o resultado dos seus esforços.

Não tenho estatísticas na minha frente nem tão pouco as julgo necessárias para computar em centenas de milhares para não me arriscar a dizer milhões o número de portugueses que, desde a independência daquele nosso antigo reino, saídos de Portugal cheios de vida e de esperança ficaram para sempre sepultados em toda a vasta extensão da terra brasileira.

Parece-me Portugal um desses dadores de sangue, de sangue rubro, generoso, que dão vida a outros corpos e acabam depauperados e exangues. Que lucro tirou o nosso país dessa emigração intensiva, feita «a la diable»? Se é verdade que da multidão sem conta dos que se exilaram, um ou outro vem dar, de longe em longe, um contributo qualquer à velha pátria, pode isso compensar a perda de tantos que a abandonaram para sempre, para colaborar no progresso de outros povos e sucumbir, tantas vezes na indigência sob um céu estranho? Um modesto trabalhador que viva a vida inteira na sua terra é mais útil a esta, a meu ver, do que aquele que volta ao fim de dez, vinte ou trinta anos só para a visitar fugazmente, deixar a sua espórtula, quando deixa, e tornar a partir.

Nós devemos ser amigos, muito amigos do Brasil, sentir como nossos os seus êxitos e os seus males, aliás este sentimento está no íntimo de todos nós. Trata-se do nosso irmão, sem dúvida grandemente poderoso, cujas possibilidades e prestígio são, hoje, alvo das atenções mundiais. Devemos procurar uma comunhão de ideais não tanto pelo que o Brasil representa no conjunto das nações como porque é um maravilhoso, portentoso rebento da velha cepa lusitana, sem dúvida uma das maiores criações de um povo em toda a História mas como irmãos amigos que não dependem, materialmente, um do outro e que só precisam de continuar unidos para continuarem a difundir no mundo do futuro o fulgor de uma civilização de que são lídimos fautores.

Esta apreciação do problema migratório português não ficaria completa se não me referisse ao absurdo que constitui o êxodo dos portugueses, não somente para o Brasil como para outros países, quando o território nacional se estende por mais de dois milhões de quilómetros quadrados dessas províncias ultramarinas, genuinamente portuguesas cheias de promessas e atractivos territórios bastante para dez vezes a actual população nacional e que tão insensatamente temos, até agora, desprezado, como mnitos desprezam a família legítima para viverem num criminoso, imoral concubinato em que só os espera a degradação do corpo e da alma!

Os manes dos nossos antepassados que cometeram a homérica façanha de dilatar as fronteiras de Portugal até aos confins da África e da Ásia e não só da América do Sul, impõe-nos a obrigação de conservar o fruto das suas gestas memoráveis. Mas não é somente o imperativo da história, é ainda mais o interesse, a necessidade do povo português que o incita a buscar nas terras de além-mar a sua prosperidade, a sua sobrevivência e também a confirmar o seu direito à posse dessas regiões que são legitimamente suas. Portugal não é só esta faixa ocidental da Europa, mas também essa vastidão geográfica em que fomos os primeiros europeus a pôr pé e a que nos devemos dedicar porque, como disse Salazar todos não somos demais para fazer Portugal.

**PAGUE A SUA ASSINATURA**

## Na rota do «Voo da Amizade» foi incluída a cidade de S. Paulo

No prosseguimento da política de aproximação luso-brasileira que tem sido desenvolvida pela TAP e pela PANAIR DO BRASIL, resolveram as duas Companhias estabelecer mais uma frequência semanal do Voo da Amizade, a qual passará a escalar o Aéropuerto da Cidade de S. Paulo.

O número de serviços semanais é agora de três, com partida de Lisboa às 16 horas das segundas-feiras, às 18,30 das quartas-feiras e às 21,30 das sextas-feiras. Os percursos dos Voos das segundas e sextas-feiras mantêm-se inalterados. O Voo de quarta-feira escalará o Aéropuerto da Ilha do Sal. Recife e S. Paulo, para terminar no Rio de Janeiro.

Oferece, assim o Voo da Amizade, uma vez por semana, um serviço directo à grande metrópole paulista, que muito beneficiará o tráfego nos dois sentidos.

## Para uma visão Cristã do Trabalho

(Continuação da 1.ª página)

ganhar o pão pelo suor do rosto. (Gen. 3,19). Mas Deus não subtraiu ao homem o poder de dominar a natureza, de servir-se dela para aperfeiçoamento de sua pessoa e dos que constituem o seu próximo.

Com efeito, assim como fomos associados à obra de redenção operada por Cristo, assim também nos havia Deus constituído co-herdeiros e co-creadores Seus.

Trabalhar é colaborar na actividade criadora de Deus. E' respeitar a incumbência que Deus fizera à criatura. E' por conseguinte, acção de amor e de confiança por Ele depositada no homem. Por isso o trabalho não pode ser visto só através do seu manto de dor e expiação, que imediatamente faria pensar num castigo. Ora o trabalho não é castigo porque sendo o homem ainda inocente e puro já lhe estava sujeito.

O trabalho é simplesmente uma realidade normal ligada à sua condição de criatura inteligente e preferível. E' uma lei a que todos têm de obedecer. A tal ponto de se correr o risco duma privação do necessário, se não se contribuir com o devido não só a Deus, mas também à sociedade.

O trabalho é pois um titulo de nobreza do homem (que não só do homem cristão!), ao mesmo tempo que é um apoio material e moral. Este apoio é uma contribuição para o sustento do homem solidário do seu próximo. Ajudando a alcançar um mínimo de perfeição e bem-estar devidos a cada membro da sociedade, o trabalhador colabora inteligentemente na sábia obra da Criação, fazendo ao mesmo tempo obra de apostolado de profundo sentido cristão.

O Cristianismo não é ópio destinado a encobrir as aspirações humanas mais elementares tais como a liberdade e a felicidade. Também não é canção gravada para se ouvir, embalando o berço da dor humana ou para pro-

## Pocilgas suínas

Está a aprovar-se o novo código de posturas camarárias.

E' preciso não esquecer as pocilgas suínas junto dos prédios de habitação, especialmente na zona urbanizada e no Campo da Feira.

Há casas sem quintais, com terreno de nem sequer dois metros de largo, com pocilgas suínas a infestar de cheiros, moscas, etc., não só as suas casas, mas também as dos vizinhos.

Tem de reconhecer-se que o vilaverdense é exigente, mas colabora pouco, para bem da sua terra.

## Em Vila Verde, Sede do Concelho, há tradição artística

### A Banda de Vila Verde

(Continuação da 2.ª página)

Grande lição e grande exemplo!

Se mais argumentos não houvesse, bastaria este para dizer a certos materialistas - cujas vistas não vão além do prato aonde comem - que a vida, sem o sentido do bom gosto por tudo quanto é belo, é triste como a noite sombria e misteriosa.

### Vila Verde e a arte musical

No antigo e extinto Clube de Caçadores existiu uma afamada Tuna Musical, de elevado valor artístico, onde tocavam as pessoas mais gradas da terra, como os falecidos Gaspar Guimarães, Abade António José Rodrigues,

P.º Miguel Manuel Galvão e P.º Francisco Galvão, etc.

Havia igualmente uma Banda Musical. Tudo isto numa terra pequena, representava amor à cultura.

### A Banda Musical de Vila Verde

Depois da extinção da Tuna e da antiga Banda, vários vilaverdenses, há vinte cinco anos, procuraram reanimar a cultura musical, e assim apareceu a nova Banda.

Podemos dizer que, graças à paixão musical do senhor dr. António Ribeiro Guimarães, alma sensível de artista, a nova Banda Musical surgiu como o elemento máximo da cultura musical, que tem levado o nome artístico de Vila Verde pelas terras do norte de Portugal.

Não se fala em Vila Verde sem que logo nos falemos na sua Banda Musical.

Muito tem lutado; fez os maiores sacrifícios e continua a suportá-los, com compreensões e incompreensões; o que é certo é que, através de todas as vicissitudes, a Banda está no seu apogeu artístico como o seu maestro o distinto oficial Manuel Pais que sabe dar à música uma interpretação que arrebatava, mesmo os ignorantes da arte musical.

Por isso os contratos musicais multiplicam-se pelas festas de maior projecção no norte de Portugal. No distrito do Porto, onde há apreciadores com conhecimentos, os seus admiradores deslocam-se de longe para a ouvir.

Mas, em diversas terras do país, a Banda tem ferrenhos admiradores, mais dedicados ainda do que os vilaverdenses. Muitos deles estão sempre prontos a fazer sacrifícios pela sua conservação e progresso.

Tomou tal incremento a nossa Banda, que agora é necessário não a deixar perder os seus pergaminhos, porque affectam o bom nome do Concelho de Vila Verde.

Vemos como Câmaras das grandes cidades sustentam orquestras sinfónicas ou as subsidiam largamente.

No nosso Concelho, torna-se necessário que a Câmara, dentro das suas possibilidades, não deixe de colaborar, para que não sejam perdidos tantos sacrifícios.

Nas festas de S. João, em Braga, na noite do dia 24, a Banda de Vila Verde deu o concerto de honra no coreto da Avenida Central.

Só quem lá esteve, no meio de tantos artistas extasiados naquelas execuções primorosas, pode avaliar como é justo fazer sacrifícios, para que a nossa Banda de Vila Verde seja o cartaz máximo do nosso Coecelho.

### Outras expressões artísticas

Com a Banda surgiram o Orfeão misto, a Coral Feminina da Igreja de Vila Verde, e, agora o Grupo Folclórico, que já foi à televisão, numa exibição muito louvada, o que lhe angariou contratos para as melhores festas.

E' necessário aguentar todo este movimento artístico que eleva a alma do povo. Oxalá que as entidades oficiais sejam as primeiras a ajudar, para que não caiam iniciativas tão dignas de todo o aplauso e ajuda.

A iniciativa particular popular artística manifesta-se; se a deixarmos cair, amanhã as entidades oficiais terão de gastar somas avultadas e não podem contar facilmente com a colaboração popular.

toger cofres cerrados de pobres ou de capitalistas.

O Cristianismo é doutrina e, mais que isso, é vida, acção que procura tirar da miséria, não com palavras, mas com obras. Caso contrário não seria Cristianismo total: doutrina vivida na fé viva que é a das obras, na caridade que é o próprio Deus. Essas obras são trabalho, dom, sacrifício, pois tudo o que no homem é grande é fruto de sangue e de lágrimas. Lisboa, 1962.

## Ao Cávado

### Meu fiel amigo

Vens da Serra do Larouco  
Sem parar, tal qual um louco  
Em busca do infinito!  
E numa prece contida  
Vais rompendo a própria vida  
Num rumor sempre bendito!

Vens de longe, muito longe  
Lembras mesmo um santo monge  
Em continua oração!  
E trazes, nessa toada,  
Essa remota Alvorada  
Duma lídima canção!

Corre, corre, rio Grande,  
Que a tua brisa demande  
Os sonhos do sonho meu!  
O' Cávado - terno amigo -  
Eu quizera ir contigo  
A viver lá no teu céu!

Trás as mágoas lá dos montes,  
Leva o queixume das fontes  
Ciosas de ver' o mar!  
E junta a esses gemidos  
Os meus queixumes perdidos  
No teu doce saltitar!

Minha vida é como a tua.  
Também contemplo a Lua,  
Também corro como louco  
Em busca dum céu de Fadas!  
Também conto as Alvoradas,  
Só não nasci no Larouco!

Corre, que eu fico sôzinho,  
Sem ter d'alguém um carinho;  
Segue no teu peregrinar!  
De pedra em pedra saltando,  
Sempre com o mar sonhando  
Num eterno marulhar!

Parceiro da Eternidade:  
Leva ao mar, minha saudade,  
Diz ao Sol e ao Céu de mim!  
Diz-lhes que sou pobrezinho!  
Que me amparem no caminho  
Até à vida sem fim!

Gota d'Orvalho.

**Assinai, anunciai e propagai "O Vilaverdense,"**